



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Kuery

ILUSTRAÇÕES: Weberson Santiago

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega

- Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Kuery

JÚLIO EMÍLIO BRAZ



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Júlio Emílio Braz nasceu em abril de 1959. É mineiro da cidadezinha de Manhumirim, mas aos cinco anos foi morar no Rio de Janeiro, cidade que adotou como lar. É autodidata. Lê desde os seis anos e aprendeu a ler sozinho, em revistas de terror da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro. Começou sua carreira escrevendo histórias em quadrinhos e, mais tarde, começou a escrever livros de bolso de banguê-banguê sob 39 pseudônimos diferentes. Em 1986, ganhou o Prêmio Angelo Agostini de Melhor Roteirista de Quadrinhos e, em 1988, publicou seu primeiro livro infantojuvenil, *Saiguairu*, pela Atual Editora, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de Autor Revelação no ano seguinte. Hoje tem textos publicados em várias editoras do Brasil e de outros países. Escreveu roteiros para o humorístico *Os Trapalhões*, da TV Globo, e algumas mininovelas para um canal de televisão do Paraguai. Na Áustria, ganhou o Austrian Children Book Award, pela versão alemã do seu livro *Crianças na escuridão* (Kinder im Dunkeln), e pelo mesmo livro também faturou o Blue Cobra Award, do Swiss Institute for Children's Book.

Kuery, na língua dos índios Mbyiá, significa plural. Nada mais plural, complexo, multifacetado, do que os sentimentos humanos: no decorrer do livro, Júlio Emílio Braz reúne uma série de contos que evocam, cada qual à sua maneira, diferentes maneiras de amar. A escolha do título e a maneira como o autor desenvolve o tema abrem uma perspectiva peculiar de leitura para esses contos, que também podem ser descritos como narrativas de origem. Mais do que simplesmente dar explicações para o surgimento das estrelas, do açaí, dos morcegos, de diferentes espécies de flor, essas histórias também abrem espaços para que transpareçam alguns dos aspectos mais belos e mais sombrios da alma humana. A maior parte delas termina de maneira trágica, muitas ainda evocam sentimentos de dor, perda, insuficiência. Uma mãe quase enlouquece de dor depois de ver-se obrigada a matar a própria filha; um belo rapaz é enredado nos cabelos firmes das mulheres que não amava; uma coisa puxa a outra, e um grupo de meninos ingratos acaba fugindo para o céu depois de dar um nó na língua da própria avó; um jovem passa a carregar a amada sempre nas costas depois que ela repentinamente deixa de andar.

Kuery é uma delicada e pungente introdução ao universo complexo das narrativas indígenas. Diferentemente de outros países da América Latina, como o Peru, o México e a Bolívia, em que as tradições dos povos pré-hispânicos mantêm-se vivas e constituem em grande parte a identidade da população local, a maioria dos brasileiros mantêm-se bastante afastados das tradições indígenas. Trata-se de um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 1100 línguas diferentes, habitavam o território amplo que mais tarde se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças algumas das narrativas das tradições indígenas é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: lendas indígenas.

Palavras-chave: origem, sentimentos, população indígena.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. Chame a atenção para a imagem da capa, em que o vulto de um homem e de uma mulher aparecem ao centro, pequeninos diante da mata que lhes serve de moldura, sentados sobre um tronco-ponte, aparentemente absortos contemplando um ao outro.
2. Leia com os alunos o texto da quarta capa, que revela o sentido da palavra que dá título à obra, “Kuery”. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa a respeito dos hábitos e costumes dos índios Mbyiá, um dos quatro grupos étnicos entre os quais a população guarani encontra-se atualmente dividida.
3. O que a turma sabe a respeito dos demais povos indígenas que habitam o país? Diga a eles que no Brasil há 250 povos indígenas que estão espalhados por todo o território nacional e são falantes de aproximadamente 180 línguas e dialetos – quer dizer, há uma diversidade cultural imensa, de modo que não se pode simplesmente referir-se a esses povos de maneira genérica, como se houvesse uma homogeneidade entre eles.
4. Chame a atenção para a epígrafe do livro, na página 3 – um verso da canção *Amor de índio*, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos. Explique em que consiste uma epígrafe, e a seguir ouça a canção com a turma.
5. Mostre a eles a dedicatória do livro. Estimule-os a pesquisar na internet quem é Daniel Munduruku.
6. Para que conheçam um pouco mais a respeito da trajetória de Júlio Emílio Braz e do ilustrador Weberson Santiago, leia com a turma os textos da seção *Autor e Obra*, nas páginas 54 e 55.

Durante a leitura

1. Uma vez que a obra é composta de lendas independentes entre si, a leitura do livro não precisa ser feita linearmente – os alunos podem guiar-se pelo sumário e começar pelo título que os deixar mais curiosos.
2. Como as narrativas indígenas fazem parte de uma tradição oral passada de geração em geração por contadores de histórias, pode fazer sentido realizar uma leitura em voz alta. Se for o caso, disponha os alunos em círculo, sentados no chão, explicando que é muitas vezes assim que os indígenas se posicionam no momento de ouvir histórias. Explique que no círculo todos são iguais, não existe hierarquia.
3. O autor comenta que as narrativas do livro procuram evocar diferentes espécies de amor. Diga aos alunos que procurem notar que faceta desse sentimento transparece em cada uma das lendas.

4. Quase todas as narrativas do livro incluem um momento de transmutação, em que um personagem humano se torna planta, estrela, raiz ou pássaro. Proponha que os alunos procurem perceber quais características dos personagens são semelhantes e/ou análogas às das criaturas que acabam por se tornar.
5. Peça que observem com atenção como Weberson Santiago se utiliza das possibilidades da computação gráfica para criar padrões, fundos, sobreposições de imagens.

Depois da leitura

1. Divida a turma em pequenos grupos e peça que cada um escolha a história do livro que mais os impressionou para recontar para a classe, sem o apoio do livro, com suas próprias palavras. Estimule-os a usar toda criatividade para que a história narrada seja a mais prazerosa possível para quem ouve – afinal, a classe toda já leu as histórias, portanto o que pode torná-las interessantes é o modo com que o grupo as conta. Deixe que utilizem os recursos que desejarem: objetos para criar a sonoplastia, figurino, bonecos etc.
2. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente o *site* <http://pib.socioambiental.org/pt>. Na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país – é possível então clicar sobre um deles e saber um pouco mais a respeito do grupo em questão. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o *site* como ponto de partida, cada um realize uma pesquisa a respeito de um povo diferente.
3. A narrativa *A fruta que chora* nos diz como teria surgido o açaí, a partir da dor de uma mulher dilacerada depois de ver-se obrigada a matar a própria filha, por conta da fome que vitimava seu povo. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa sobre essa fruta característica do norte do Brasil cuja polpa se tornou popular em todo o país – características nutricionais, cultivo, formas de preparo tradicionais etc.
4. A narrativa *Como nasceram as estrelas* também foi recontada por Clarice Lispector, em seu livro homônimo, publicado pela editora Rocco. Traga uma cópia do texto de Clarice e estimule os alunos a perceber as semelhanças e as diferenças entre as duas versões da mesma história.
5. A lenda *Piripiri* conta a história de um belo rapaz que acaba sendo aprisionado nos cabelos das jovens da aldeia, inconformadas com o fato de seu amado desprezá-las, fiel a seu amor secreto pela Lua. Traga para ler com a turma o conto *A lenda da vitória-régia*, recontado por Douglas Tufano na coletânea *Histórias da terra e do céu* e proponha uma comparação entre as duas histórias. Na lenda da vitória-régia, uma garota se apaixona

perdidamente pela Lua e acaba transformada em flor. Chame atenção para as diferenças de tom entre as narrativas: em *Piripiri*, a transformação do rapaz é precipitada por conta da atitude das jovens enciumadas, enquanto na lenda da vitória-régia não há antagonistas: é por conta do seu próprio amor desesperado que a protagonista acaba por se lançar ao rio.

6. Assista com a turma ao filme *Terra vermelha*, dirigido por Marco Bechis, que retrata muitos dos conflitos que acometem os índios Guarani-Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, em sua luta por recuperar suas terras, ocupadas por fazendeiros. Distribuição: Paris Filmes.
7. Proponha que os alunos pesquisem na biblioteca outras lendas indígenas e selecionem uma delas para recontar oralmente para a classe. Durante duas semanas, proponha que, ao final das aulas, se faça uma roda de histórias: a cada dia, dois ou mais alunos ficam responsáveis por contar uma história. Se acontecer de alguns alunos escolherem a mesma narrativa, chame a atenção para as diferentes tonalidades e atmosferas que uma mesma história pode adquirir, narrada por diferentes contadores.



DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *Felicidade não tem cor*. São Paulo: Moderna.
- *Numa véspera de Natal*. São Paulo: Moderna.
- *Lendas negras*. São Paulo: FTD.
- *Um garoto consumista na roça*. São Paulo: Scipione.
- *Um olhar de azul*. São Paulo: FTD.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Histórias da Terra e do Céu*, de Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.
- *Roda de histórias indígenas*, de Poranduba. Rio de Janeiro: NAU.
- *Puratig: O remo sagrado*, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.
- *Irakisu: O menino criador*, de Renê Khitãulu. São Paulo: Peirópolis.
- *O povo Pataxó e suas histórias*, de vários autores. São Paulo: Global.